



## **CASAIS INTERCULTURAIS ENTRE TRADIÇÃO E TRADUÇÃO: DA ENTREGA AMOROSA À NEGOCIAÇÃO DE NOVOS CÓDIGOS SOCIAIS**

## **INTERCULTURAL COUPLES BETWEEN TRADITION AND TRANSLATION: FROM LOVING DEVOTION TO NEGOTIATING NEW SOCIAL CODES**

## **PAREJAS INTERCULTURALES ENTRE TRADICIÓN Y TRADUCCIÓN: DE LA ENTREGA AMOROSA A LA NEGOCIACIÓN DE NUEVOS CÓDIGOS SOCIALES**

Mohammed Rio ElHajji<sup>42</sup>

Catarina Gonçalves<sup>43</sup>

10.21665/2318-3888.v10n19p109-136

### **RESUMO**

A facilidade de comunicação e a velocidade de deslocamento proporcionadas pela globalização contribuíram para o aumento do número de casamentos interculturais pelo mundo. Casais e famílias marcados pelo pluri-pertencimento e pela diversidade cultural, étnica e/ou religiosa surgem sob a égide da interculturalidade – que subtende suas modalidades de sociabilidade e os instiga a revisar suas crenças e imaginar formas práticas de conciliar suas diferenças. A questão, aqui colocada, é como as mulheres protagonistas de uma realidade transnacional (brasileiras casadas com estrangeiros e estrangeiras casadas com brasileiros) negociam valores, visões de mundo e projetos de vida? De que modo são apropriados e traduzidos os registros simbólicos de cada um dos componentes do ente familiar intercultural? Indagações às quais buscamos responder, a partir de uma análise discursiva de práticas culturais e sociais no cotidiano (principalmente através da culinária e a comensalidade) e suas interpretações enquanto manifestações interculturais e intersubjetivas.

---

<sup>42</sup> Professor Titular da UFRJ. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Integrante dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) e em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) - ambos da UFRJ. E-mail: mohahajji@gmail.com.

<sup>43</sup> Pesquisadora integrante do grupo Diaspotics, na área de Comunicação e Cultura e Psicologia Social. Mestre em Psicossociologia de Comunidades pela UFRJ, com bolsa CAPES. Possui graduação em Comunicação pela Escola Superior Propaganda Marketing. Possui MBA em Gestão Empresarial e Marketing pela ESPM. E-mail: catarina.cgo@gmail.com.



**Palavras-chave:** Migrações Transnacionais. Casais Interculturais. Culinária. Afeto. Mulheres.

## ABSTRACT

The ease of communication and the speed of travel provided by globalization have contributed to the increase in the number of intercultural marriages worldwide. Couples and families marked by multi-belonging and cultural, cultural, ethnic and/or religious diversity appear under the umbrella of interculturality – which understands their modes of sociability and encourages them to review their beliefs and imagine practical ways of reconciling their differences. The question posed here is how do women protagonists of this transnational reality (Brazilians married to foreigners and foreigners married to Brazilians) negotiate values, worldviews and life projects? How are the symbolic records of each component of the intercultural family member appropriated and translated? Questions that we intend to answer, based on a discursive analysis of cultural and social practices in everyday life (mainly through cuisine and commensality) and their interpretation as intercultural and intersubjective manifestations.

**Keywords:** Transnational migrations. Intercultural Couples. Cuisine. Affection. Women.

## RESUMEN

La facilidad de comunicación y la velocidad de los viajes que proporciona la globalización han contribuido al aumento del número de matrimonios interculturales en todo el mundo. Las parejas y familias marcadas por la pertenencia múltiple y la diversidad cultural, étnica y / o religiosa aparecen bajo la égida de la interculturalidad, que comprende sus modos de sociabilidad y las instiga a revisar sus creencias e imaginar formas prácticas de reconciliar sus diferencias. La pregunta aquí planteada es ¿cómo las mujeres protagonistas de una realidad transnacional (brasileñas casadas con extranjeros y extranjeras casadas con brasileños) negocian valores, cosmovisiones y proyectos de vida? ¿Cómo se apropian y traducen los registros simbólicos de cada componente del miembro de la familia intercultural? Preguntas que buscamos dar respuesta, a partir de un análisis discursivo de las prácticas culturales y sociales en la vida cotidiana (principalmente a través de la cocina y la comensalidad) y sus interpretaciones como manifestaciones interculturales e intersubjetivas.

**Palabras-clave:** Migraciones Transnacionales. Parejas Interculturales. Cocina. Afecto. Mujer.



O presente artigo integra um conjunto maior de investigações e estudos fomentados no âmbito do Grupo de Pesquisa Diaspótics – Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural. Os dois principais resultados dessas atividades foram, até agora, o livro *“Amores Migrantes & Desejos de Alteridade”* (2019), composto por doze histórias/depoimentos de casais interculturais, e a dissertação de Mestrado, de Catarina Gonçalves, *“Mulheres entre Culturas: Afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais”* (2020). As cinco entrevistas, revisadas neste trabalho, são parte do *corpus* investigativo examinado durante a pesquisa de Mestrado acima citada. O tratamento e a análise foram adequados ao propósito deste artigo – que é a apreciação da experiência afetiva transnacional a partir de uma perspectiva subjetiva e discursiva que considera o ponto de vista feminino e a condição de gênero.

A amostra selecionada é constituída por mulheres oriundas do Brasil, dos Estados Unidos, de Porto Rico e da Bósnia, casadas com homens de nacionalidade brasileira, israelense e senegalesa, numa faixa etária geral entre 29 e 51 anos. Nossa entrevistadas / interlocutoras compõem um mosaico profissional e social bastante diverso: pertencentes às classes B e C segundo a qualificação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pós-graduadas, graduadas ou sem Ensino Superior, elas exercem suas atividades em várias áreas; desde o Jornalismo e as Relações Internacionais até o Comércio, a Educação ou outras especialidades. No afã de situar as entrevistadas e melhor contextualizar suas respectivas atitudes, vamos proceder a uma breve apresentação de seus perfis à medida que avançamos em nossa análise.

As entrevistas, realizadas no período de 2018 a 2020, foram concebidas e efetivadas no intuito de permitir a emergência do imaginário social e das representações culturais das participantes da pesquisa, de forma bastante livre e espontânea. Optando por uma postura igualitária, um tom relativamente informal e uma forma



conversacional “viva”, investimos em uma escuta sensível e empática que propicia a aproximação subjetiva e a valorização da experiência de vida pelas “companheiras” do estudo. Do mesmo modo que, no afã de destacar o ponto de vista das entrevistadas e dar a devida ênfase ao seu conhecimento empírico, decidimos priorizar, no ato da escrita / apresentação / exposição, a voz dessas mulheres e não a teoria subjacente a nossa análise – que pode ser consultada diretamente no texto da dissertação de mestrado da coautora.

Como objeto central de análise escolhemos as práticas culinárias e comensais adotadas pelos casais pesquisados, por sua disposição natural em constituir uma “metáfora concreta” da comunicação intercultural – ainda mais quando se considera o fator da transnacionalidade que atravessa os casais mistos e que marca suas trocas intersubjetivas.

## **O terreno do intercultural**

O sistema culinário / comensal, justamente, representa, em todas as culturas do mundo, um tópico espaciotemporal de ordenamento do real e das relações sociais, interpessoais e intersubjetivas. Espaço e tempo ritualísticos por excelência, a culinária, o cultivo de seus ingredientes, sua preparação e consumo constituem uma verdadeira “metáfora concreta” da visão de mundo de cada povo, e das trocas humanas que conformam o social e delimitam o território existencial de seus “*socius*”.

Se, conforme estipulamos em outros estudos (ELHAJJI, 2021), a diferença entre comunicação intercultural, intracultural, interpessoal e social não é de natureza, mas apenas de grau -na medida em que há um deslocamento simbólico por parte



dos interlocutores em interação-, no caso específico dos casais interculturais, o desafio é conseguir discernir atos, atitudes e comportamentos de ordem cultural daqueles de natureza social ou subjetiva. Ou, ainda, entender de que modo os três níveis se conjugam e se atualizam nos atos de comunicação e interação que pontuam o cotidiano do casal intercultural em relação à sua vida social e sentimental.

Não há novidade nenhuma em afirmar que a visão de mundo de cada um dos parceiros é tributária de sua herança cultural, bagagem simbólica e coordenadas semióticas. Do mesmo modo que não seria nada inédito ou original afirmar que, no ato de comunicação intercultural, os sujeitos em interação buscam cada um traduzir os gestos e falas do outro a partir da sua grade simbólica, conformada, em grande parte, em função da vivência em seu grupo, comunidade ou sociedade de origem (SCHÜTZ, 2010). Trata-se da base elementar de qualquer evento social que envolve diferença e alteridade, principalmente quando o novo ente conjugal ainda está em formação, buscando e afinando os termos do *modus vivendi*, que guiará a relação afetiva e projeto social.

Na prática, essa negociação contínua se concretiza nos atos triviais do cotidiano, tais como a língua falada com os filhos, os gostos culinários ou musicais, o consumo midiático familiar, a prática religiosa, etc. O que, na maioria das vezes, acaba provocando o cultivo, por parte dos parceiros, de uma instância autorreflexiva capaz de antecipar as reações do outro e prever suas implicações simbólicas. Ou seja, a presença íntima da diferença e alteridade é capaz de proporcionar certo distanciamento de nossa própria herança, até então considerada óbvia e universal, e possibilitar a projeção de cada um no lugar do outro.

O que não significa, no entanto, que não haverá atritos, conflitos e necessidade recorrente de renegociar os termos do contrato social / afetivo tácito. Pelo contrário: a consciência explícita da diferença (que, não há dúvida, constitui um



forte catalisador libidinal do desejo do outro), quando é excessivamente “eticizada” ou “culturalizada” (ELHAJJI, 2013), pode complicar a relação socio-afetiva do casal, na medida que, de um lado, corre o risco de ofuscar as manifestações de ordem idiossincrática e verdadeiramente subjetiva e, por outro lado, pode se deixar influenciar pelo discurso social e midiático – notadamente marcado pelo sensacionalismo, estereotipagem, exotismo e intolerância.

Do mesmo modo que não se pode esquecer que, apesar de todo o avanço social e político que nossa sociedade conhece, seria no mínimo ingênuo ignorar as assimetrias do poder material / simbólico quando se trata de relações de gênero; sem, todavia, reduzir essa flagrante e generalizada assimetria a fatores de ordem unicamente étnica, cultural ou religiosa. A grande lição da interseccionalidade (BILGE, S, 2009) -por nós aplicada ao contexto migratório transnacional- é, justamente, destacar a superposição das diferentes camadas simbólicas constitutivas da realidade social e determinantes na distribuição de tributos e atributos entre sujeitos em interação.

Para Lind (2008), podem ser denominadas de “casais interculturais” as uniões matrimoniais ou afetivas marcadas pela: língua materna distinta dos cônjuges, sua origem nacional diferente ou em função de suas respectivas ascendências. Realidade diversa e plural que representa, ao mesmo tempo, um oportunidade de enriquecimento simbólico e subjetivo e um potencial conflituoso; exigindo dos parceiros um esforço contínuo de abertura, aprendizagem e resignificação de seus hábitos e atitudes (PEREL, 2002).



## Um visto para amar

Enquanto as teorias migratórias clássicas privilegiam as explicações funcionalistas, fundadas em razões quase exclusivamente materiais, os namoros e casamentos interculturais têm a vantagem de nos lembrar o papel fundamental do desejo e do subjetivo na efetivação da empreitada migratória (GASPAR, 2012). No cenário global atual, migrar por amor constitui um fato cada vez mais recorrente: de um lado, os fluxos humanos decorrentes dos deslocamentos espaciais propiciam os encontros e a aproximação de pessoas oriundas de sociedades e culturas distantes; e, por outro lado, a pletera de interações virtuais -que não se limita aos sites de encontros- permite a identificação intersubjetiva, o reconhecimento das afinidades, a construção de projetos afetivos conjuntos e, eventualmente, a sua concretização. Em todo caso, nos parece que a conjugação dos fluxos humanos, os fluxos simbólicos (APPADURAI, 1996) e seu correlato vincutivo (SODRÉ, 2015) também agem no sentido de ampliar a capacidade de abstração e de imaginação do sujeito globalizado; especialmente quando implicado nesse tipo de situação ou relação. Assim, observa-se uma dinâmica de sinergia e retroalimentação que resulta em uma circularidade da causa e consequência; os fluxos humanos intensificam os fluxos simbólicos, na mesma proporção que esses últimos densificam os primeiros. Tratando-se do fenômeno intercultural, a mesma equação se repete; o desejo da diferença acentua a comunicação intercultural, na mesma proporção que a comunicação intercultural acentua o desejo da diferença (DANTAS, 2012). O depoimento de uma das entrevistadas é bastante esclarecedor a este propósito:

Eu acredito totalmente que o amor é globalizado porque hoje eu vejo, não nas minhas amigas, mas conhecidas, as meninas da Bósnia vão para a Austrália, não só da Bósnia, mas meninas do Brasil vão para a França. Eu acho que essa barreira não existe, tanto quanto existir uma vontade e uma intenção que você quer criar alguma coisa, um tipo de relacionamento (LÍVIA, março de 2019).



No entanto, Lívia<sup>44</sup>, que conheceu o atual marido brasileiro quando ambos estavam estudando em um programa de mestrado Fulbright nos EUA, só migrou para cá depois de ter conseguido um emprego em São Paulo, e justifica: “No meu caso, o amor venceu. Estou te falando agora. Talvez em dez anos, eu te contaria outra história”. Para ela, foi o “casamento entre a vida privada e profissional” (LÍVIA, março de 2019).

De fato, dentre as situações de casamentos interculturais, duas em particular devem ser destacadas: quando a migração é consequência de uma relação afetiva / intercultural; e quando o casamento é subsequente a um projeto de migração ou migração já efetivada. O “casamento entre a vida privada e profissional” ao qual se refere a entrevistada é, na verdade, um tópico bastante relevante na teoria da estruturação de Giddens (2003). As duas esferas, que não são mais incompatíveis ou auto-excludentes, espelham a noção de autorreflexividade, cunhada pelo mesmo autor para expressar a capacidade do sujeito contemporâneo de incorporar o institucional ao subjetivo e de interpretar este último à luz do primeiro:

Eu imigrei, praticamente, pelo casamento com o meu marido. A gente era bolsista do governo dos EUA. E a gente se encontrou em 2011. Lá a gente se conheceu. E eu voltei para minha cidade. E ele voltou para o Rio de Janeiro. E aí, a gente ficou junto mais dois anos através do Skype. A ideia foi ou a gente vai junto ou ele vai lá para Bósnia. Mas como eu não tinha nenhuma perspectiva sobre emprego, a gente decidiu segurar. E como ele é funcionário público, ele conseguiu congelar a posição dele. E ir atrás de mim para a gente tentar. **A razão que imigrei para o Brasil foi um**

---

44 Lívia, bósnia, 35 anos, casada com brasileiro. Ela conheceu o marido no programa de mestrado Fulbright nos Estados Unidos. Ela é formada em Comunicação Social e ele em Psicologia. O marido se mudou para a Bósnia por dois anos, durante a licença de trabalho, porque é funcionário público. Posteriormente, ela se mudou para São Paulo quando conseguiu um trabalho. Atualmente, mora no Rio de Janeiro com o marido. Ela estava cursando pós-graduação na FGV.

Lívia, bósnia, 35 anos, casada com brasileiro. Conheceu o marido no Programa de Mestrado Fulbright nos Estados Unidos. Ela é formada em Comunicação Social e ele em Psicologia. O marido viveu na Bósnia por dois anos até que Lívia conseguiu emprego em São Paulo. A história de vida de Lívia é marcada pela guerra de Sarajevo. Ela, a mãe e a irmã se separaram do pai durante a guerra, mas conseguiram se reunir posteriormente.



**casamento entre a vida privada e a vida profissional** (LÍVIA, 32 anos, março de 2019, grifo nosso).

Por outro lado, a autorreflexividade em questão e sua dinâmica de conjugação do subjetivo ao institucional não podem ser separadas da prática performática intimamente ligada à nossa época; pela qual, muitas vezes, a expressão indentitária e o sentimento de pertencimento são diluídos numa economia geral de “experiência de vida” e desejos vocacionais. De tal maneira que as relações amorosas são transmutadas em “capital erótico” e o casamento é reduzido à sua dimensão estatística; o amar se torna cumulativo e o casar conscientemente “indefinitivo” – o que reduz substancialmente a pressão social e psicológica sobre os parceiros interculturais, na medida que tais condições existenciais se tornam “eternas” apenas “enquanto duram”.

Horizonte psicossociológico que, provavelmente, ajuda a amenizar as angústias do desconhecido e superar as vicissitudes do exílio e estrangeiridade. Assim, Lívia relata que não tem muitos amigos no Brasil, em comparação à sua terra natal, e que o marido é o seu único vínculo emocional e afetivo no novo país. Mas o considera um bom companheiro, sobretudo quando ela ficou desempregada, após ter decidido morar em São Paulo. Segundo ela, a “experiência” de estrangeiridade e exílio pela qual passou contribuiu a fortalecer o relacionamento do casal:

Claro que eu tenho amigos que são do tipo: mais conhecidos, mas eu não tenho amigos como eu tenho amigos na minha terra, entendeu? Quando eu estou passando um momento difícil, ele é a única pessoa para quem eu posso enfrentar, que posso me virar e pedir ajuda. Isso impactou muito. O meu estresse ficando desempregada (pausa). Com certeza, mas a gente sempre buscou sentar e conversar. E acho que esse é o segredo (LÍVIA, março de 2019).

Fica patente que, em função das variações possíveis do quadro social geral e as condições de vida do sujeito, tal “experiência” pode implicar em dependência



material e/ou psicológica potencialmente tóxica – via analítica que não pretendemos adotar aqui. Em compensação, não se pode ignorar que a questão da comunicação (até em seu nível apenas instrumental) é de extrema importância para a consolidação da relação afetiva / intercultural:

Claro, no nosso caso, do meu marido existe uma barreira linguística. O meu marido e os meus pais não falam em nenhum idioma. Os meus pais só falam no idioma bósnio, porque eles têm uma dificuldade para entender o meu marido, porque ele não fala bósnio. Ele começou um pouquinho a aprender, mas é muito difícil, mas pelo menos ele consegue falar. Claro, essa é uma expectativa do (gaguejou) lado dos meus pais. Eles queriam um rapaz, que eu fosse casada, para que pudessem conversar e trocar ideias. Claro que, é nesse caso, eles total, impedidos, porque existe uma barreira linguística (LÍVIA, março de 2019).

Outro caso de autorreflexividade e consonância público/privado ou institucional/subjectivo se confere na história de da porto-riquenha Helena<sup>45</sup> que, inicialmente, não queria viver no Brasil. Mas, ela e o marido se resignaram a vir morar aqui em consequência dos problemas encontrados pelo marido para a obtenção do visto americano. Helena acredita que a família e o amor são suas prioridades:

Eu sempre que me vi, em meu caso, sempre tomei risco, porque yo me apasiono e entrego tudo. Assim como yoga, eu entreguei *todo, lo que move*, que me apasiona. Acordar cedo, se sou feliz e vou fazer de tudo para que isso funcione. Talvez, como neste caso, quero fazer com que isto funcione. *Again*, não quero generalizar, mas talvez uma mulher muito feminista, com o pensamento linear sobre *lo corazón*, falaria eu *lo sento* (risos). Você tem um problema com a

---

45 Helena, 42 anos, porto-riquenha, casada com brasileiro. Ela conheceu o marido nos Estados Unidos, na mesma academia em que dava aulas de yoga. O marido veio morar no Brasil porque teve um problema com o visto e ela veio acompanhá-lo. Ela tem curso superior, mas atualmente é professora de yoga. Helena cresceu em Porto Rico e, depois, se mudou para os Estados Unidos. Ela trabalhou durante muitos anos com Recursos Humanos, mas, depois que descobriu o yoga, mudou de profissão e abriu um estúdio na Flórida. Casou-se muito nova e teve três filhos.



sua imigração. Você vai ter que ir lá e vai ter que resolver. Doí. Amo você. Talvez podemos *logar* a distância (HELENA, março de 2019).

E espera conseguir superar os obstáculos administrativos:

Mas o motivo foi uma *discrepância* na imigração. Ele precisava de um *permiso* [visto] para voltar para o Brasil, porque estava no meio da cidadania dele de lá. Não sabíamos. Viemos visitar o Brasil e ficamos. Agora, estamos esperando que o processo acabe. Descobrimos que ele precisava esperar de uma permissão dos EUA para vir aqui. Ele tirou, mas pensou que era somente uma carta. Não era só a carta, mas segundo as digitais dele foi um processo. E ninguém sabia. Visitamos minha mãe. Ela falou: 'Você tem uma *cita*, uma carta. Foi aprovada, mas precisava fazer algo'. Já era tarde (HELENA, março de 2019).

Helena considera o amor algo primordial e se dispõe a lutar no “front” burocrático para realizar seu projeto de vida, justamente superando os empecilhos administrativos. Ainda mais quando considera seus fortes laços familiares: “Para mim o que vem primeiro é o amor, a família e a conexão. Talvez se estivesse morando desde o começo da minha vida, talvez tivesse sido diferente. Mas a influência da minha mãe e da minha família em geral é mais forte do que qualquer coisa” (HELENA, março de 2019).

Já Elisa<sup>46</sup>, estadunidense casada com brasileiro, declara prontamente que “não é muito romântica”. Para ela, amor e burocracia não são nem equivalentes nem incompatíveis; mas podem ser complementares:

---

<sup>46</sup> Elisa, 29, estadunidense, casada com brasileiro. Conheceu o marido nos Estados-Unidos, mas decidiram morar no Brasil. Formada com curso superior, era professora no país de origem, e conheceu o atual marido quando estudava a língua portuguesa. No entanto, o marido voltou para o Brasil e eles mantiveram a relação à distância por um ano, até que ela decidiu se mudar para cá, depois de o marido não conseguir renovar o visto norte-americano. Atualmente, ela leciona inglês em um escola de Curitiba, onde o casal mora.



**Eu não sou muito romântica.** Eu já queria morar em outro país. Eu sou apaixonada por ele. Ele não foi a única razão. **Eu não queria mudar por amor.** Eu acho bem perigoso. Eu morei em outra casa, primeiramente, antes de morarmos juntos. Casamos no cartório. Então, saímos, vim para o Brasil no final de setembro de 2016 e saí do Brasil com ele.

Nós não nos deixamos sair em paz, ele estava preocupado. Nós passamos no Uruguai, Argentina, em dezembro e janeiro, janeiro de 2017, voltamos a Florianópolis. Eu estava entrevistando para um emprego em São Paulo e vimos que eu ia conseguir o emprego e eles me disseram que não poderiam me dar o emprego porque eu não tinha visto.

E então, não, isso foi antes, eu estava entrevistando para o trabalho e ele propôs, ele propôs antes, em fevereiro ele propôs e, em março, eu descobri que precisava me casar, precisava do visto. Então, nós já estamos noivos e decidimos ok, vamos nos casar rapidamente, nos amamos, já estamos noivos e nos casamos em abril de 2017. Então, foi um noivado muito rápido, muito curto. Então, estamos casados desde então (ELISA, março 2019).

O quadro esboçado a partir dos depoimentos das três estrangeiras casadas com brasileiros evidencia a complexidade do mundo contemporâneo, onde, ao mesmo tempo que a subjetividade -principalmente em sua forma amorosa- é reconhecida e valorizada, a ordem política e burocrática continua pautada pela racionalidade funcionalista, impessoal e impiedosa. Ou, talvez visto de outro ângulo, pode-se afirmar que, apesar da rigidez e frieza do sistema administrativo mundial, o afeto e o desejo continuam a constituir uma força ética e estética que não desiste nem desarma.

## O olhar do outro

Se até aqui os perfis analisados conheceram seu par fora de seu país de origem, em viagem de turismo, intercâmbio, estudos ou no local de trabalho, as próximas



entrevistadas são brasileiras casadas com estrangeiros; um senegalês no caso de Juliana e um israelense no caso de Maria. Juliana conheceu seu marido aqui no Brasil; Maria morou com seu marido em Israel, antes de eles se estabelecerem no Brasil.

Os casais interculturais são, geralmente, caracterizados pela diferença cultural, nacional, étnica, linguística e/ou religiosa (LIND, 2008). Seu cotidiano, sua visão de mundo, seu modo de expressar seu afeto ou sua maneira de navegar entre códigos sociais são, portanto, marcados pela diversidade e não-linearidade. Como se viu no caso de Lívia, por exemplo, a barreira linguística pode se revelar de grande frustração para parte da família e, provavelmente, dificultará os eventuais esforços de integração do parceiro em mobilidade no novo ambiente.

Dificuldades que podem se manifestar na ocasião de práticas religiosas, rituais familiares, hábitos culinários e comensais, educação dos filhos, etc. Sua superação exige, assim, um verdadeiro empenho e “competência intercultural” (LEUNG et alii, 2014) por parte de cada um dos parceiros, no afã de superar seus respectivos “etnocentrismos” e os conflitos deles decorrentes, e esboçar a construção de novos espaços simbólicos, com novas regras e novos códigos. O que, por outro lado, exige considerar a assimetria de gênero ou poder econômico à qual aludimos no início dessa análise: quem vai abrir mão de seus códigos próprios, por exemplo, quando a conciliação dos dois registros culturais se revela difícil?

A experiência empírica, amparada no número crescente de casais interculturais no mundo, indica que o sujeito social contemporâneo não abdica diante dessas dificuldades e segue construindo espaços simbólicos cada vez mais abertos e cada vez mais híbridos; ainda que em contínua negociação e renegociação. Principalmente quando os parceiros conseguem investir em projetos comuns; que podem ser de ordem profissional, política, religiosa ou familiar.



Em todo caso, há sempre a necessidade de conseguir “traduzir” a gramática do outro em sua própria grade simbólica. Conforme Schütz (2010) explica, o único recurso do qual o estrangeiro dispõe para o entendimento da realidade cultural do grupo de acolhimento ou o par oriundo de outra sociedade ou cultura é a seu próprio *pattern* simbólico. Pois, o estrangeiro carrega um padrão cultural da sociedade de origem até a chegada em outro país de destino: “Somente após, tendo assim reunido um determinado conhecimento da função interpretativa do novo padrão cultural, pode o estrangeiro começar a adotá-lo como esquema de sua própria expressão” (SCHUTZ, 2010, p. 125).

No entanto, em função da assimetria nas relações de gênero ou por profunda e autêntica identificação na cultura do outro, não é raro que é o sujeito local que se dispõe a abraçar os códigos de seu par estrangeiro. Assim, Juliana<sup>47</sup>, brasileira casada com senegalês, mudou sua forma de agir socialmente e reconsiderou algumas de suas práticas comensais e festivas; principalmente a respeito ao consumo de álcool e carne suína – dois grandes tabus da religião islâmica.

O marido, que é muçulmano, confessou a ela que não gostava de ver a esposa embriagada. “Um dia fomos em um churrasco e eu bebi muito. Ele não comentou nada. Na volta para casa, apenas disse: “no dia em que você quiser sair para beber, me avisa que eu levo você e depois vou buscar, porque não quero ver você beber” (JULIANA, março de 2019).

---

<sup>47</sup> Juliana, 51, brasileira, casada com um senegalês. Ela conheceu o marido no ambiente corporativo, quando era técnica de segurança de trabalho de a empresa onde os dois trabalhavam. Posteriormente, montaram um negócio de artigos africanos. Ela é mais velha do que ele, com uma diferença geracional em torno de 20 anos. Ele está no primeiro casamento; ela no terceiro. Ele é muçulmano, Juliana é católica. Ela tem dois filhos do casamento anterior. Quando Juliana perdeu o trabalho como técnica de segurança, recebeu uma rescisão. Dessa forma, eles investiram em um negócio de moda africana em uma galeria, como ele sonhava. Ela disse que quando ficou sem trabalho, fazia doces e ele vendia. Eles começaram bem devagar e estão ampliando o negócio juntos.



Eu olhei a foto. Eu nunca tinha me visto daquela forma. Eu nunca tinha me visto daquele jeito. **Eu estava chapadinha. E a minha postura era vulgar.** O jeito que estava em pé. Eu não me vi ali. Como não é o meu jeito. As minhas amigas falavam para mim, porque eu sempre fui uma mãezona. Elas enchiam a cara. E eu estava lá (...). Eu que deixava elas em casa. Eu me vi de um jeito, sei lá, não gostei do que eu vi. Aí, eu mostrei a foto para ele. E falei:

“Amor eu fico assim quando eu bebo?”

Ele respondeu: ‘Fica sim’.

Eu falei: ‘Gente, eu nunca me vi assim’.

E ele: ‘Fica assim’.

Então, daquele dia em diante eu vi aquilo como se fosse... **eu acho que eu deletei essas fotos. Daquele dia em diante não posso falar que eu não bebi. Devo ter bebido um copo de cerveja ou outro. Eu não me senti nada feliz com o que eu vi, me senti vulgar, até discuti** com a minha tia por causa disso (JULIANA, março de 2019, grifo nosso).

Interculturalidade autorreflexiva ou submissão à ordem cultural / patriarcal do marido? Juliana conseguiu se projetar no olhar do marido através do recurso fotográfico ou simplesmente abdicou de seu modo de ser para não desagradar ao amado? De um modo ou de outro, os casais interculturais são levados a negociar os códigos que vão configurar seu novo espaço simbólico e acomodar suas respectivas diferenças. O contato entre duas subjetividades carregadas de registros simbólicos diferentes provoca, necessariamente, uma desorganização na cognição de cada um. Daí, ou a “organização conjugal” alcança seus limites e corre o risco de entrar em entropia; ou consegue superar as dificuldades através do diálogo intersubjetivo e intercultural e reformular seus padrões sociais, permitindo a formação de um novo “dialeto” cultural híbrido e permeado pela ordem de tolerância e aceitação da diferença.

Em regra geral, os casais que pertencem a culturas diferentes, quando ainda em processo de formação e consolidação, passam por uma fase de transição simbólica-



cultural, cada um mantendo seus valores individuais e aprendendo a negociar aquilo que não é fundamental em e para sua subjetivação. De fato, se a proximidade e convivência entre dois adultos, mesmo pertencendo ao mesmo universo simbólico e social, acarreta quase sempre reivindicações, negociações, atritos e acomodações, o pertencimento a culturas e/ou grupos sociais diferentes amplia e potencializa os aspectos conflituosos da relação e exige uma capacidade maior de abertura e diálogo.

Mais interessante, ainda, observar que esses mecanismos psicossociológicos de negociação-adaptação podem produzir dois efeitos complementares: de um lado, permitem identificar as semelhanças e as diferenças entre os parceiros, combinar hábitos e rituais ou alternar práticas; sendo o objetivo dessas construções dialógicas o bem-estar físico, psicológico e/ou espiritual do ente familiar em sua totalidade (FALICOV, 2001). E, por outro lado, reforçam a individualidade de cada um; deixando claros os limites e fronteiras que não podem ser ultrapassados ou sacrificados (LIND, 2008). Longe de serem contraditórios ou incompatíveis, são esses dois movimentos simbólicos – esse vai e vem que, ao exemplo de uma valsa a dois tempos, desenham o mapa social e afetivo da parceria e indicam os passos indispensáveis para a realização de seus projetos individuais e comuns.

Maria<sup>48</sup>, a brasileira casada com israelense, acredita que, graças a essa dialética afetiva e social, ambos conseguiram se adaptar às tradições dos dois países e encontrar um meio termo para as suas respectivas manifestações culturais e práticas religiosas. No caso da circuncisão do filho, por exemplo, Maria se convenceu da importância do ritual (o *Brit Milá*) para o judaísmo e/ou tenta justificá-la de modo

---

<sup>48</sup> Maria, 38 anos, brasileira, casada com israelense. Ela tem um comércio de verduras e frutas em Goiânia. Estudou Relações Internacionais no Brasil e em Israel. Morou em Israel por doze anos, antes de decidir voltar ao Brasil com o marido. O marido é advogado, mas ele não exerce a profissão. O casal, que tem dois filhos, se conheceu no Peru, numa viagem de turismo.



racional: “A tradição da circuncisão eu acho muito legal fazer, pois fica mais higiênico, né?” (MARIA, dezembro de 2018).

Nasceu. E é menino, a gente faz a circuncisão. Minha mãe queria morrer. Ai! Vai cortar o pinto dele. Ficou toda (pausa), mas a gente fez. **Lá em Israel todo mundo faz. Lá ele era igual a todo mundo. Aqui, ele é diferente.** Aqui o povo não corta, né? Por exemplo, com 13 anos tem Bar Mitzvá. Não sei se vamos fazer. A gente, assim, não tem, não temos problema de seguir as tradições da cultura, porque eu respeito a cultura judaica. E ele também respeita a minha forma de viver aqui no Brasil, não é? (MARIA, dezembro de 2018).

Maria ressaltou, ainda, que ela e o marido comemoravam o Natal, data de máxima significância para a religião católica e as tradições de sua família, e Rosh Hashaná, o ano novo judaico. Comunicação intercultural / hibridação / sincretismo? O importante é a (possibilidade de) negociação de novos espaços simbólicos, novos códigos e novos rituais familiares:

Esta é uma negociação que existe lá em casa. É um tratado. A gente não mantém nenhuma cultura. Assim, **a gente estava lá em Israel e, se eu quisesse fazer o Natal, eu fazia. E ele, o Rosh Hashaná. Ele fazia, que é a festa do ano novo lá. Então, a gente não tem nada contra ou a favor. Eu até gostaria de ficar fazendo as festas da tradição judaica.** Eu não estava com muito tempo para ficar gastando com isso. Então, acabei que não fiz. A gente canta. Chega ano a gente faz o *Rosh Hashaná* lá. Quando chegava o Natal, a gente comemorava. Então, a gente vai cumprindo os dois feriados, não temos problema com isso. A gente faz a festa dos dois lados (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Conforme propomos num estudo anterior (ELHAJJI, 2021), o fato de a comunicação intercultural consistir numa “forma cognitiva vazia” sugere que o mais determinante nas relações interculturais não é o conteúdo do ritual, mas sim sua forma e recursividade. Assim, a adoção e/ou adaptação de hábitos ritualísticos familiares, enquanto pura forma psicossocial, é de grande valia para firmar rotinas saudáveis e prover bem-estar psicológico ao organismo familiar intercultural.



De fato, aquém das cerimônias e celebrações formais e/ou grandiosas, são os pequenos atos do cotidiano, tais como a culinária, o consumo midiático e cultural, a prática religiosa, a vestimenta, a língua falada nos momentos íntimos e/ou no recinto familiar, etc. que moldam a subjetividade do ente social e afetivo intercultural. Momentos corriqueiros, muitas vezes fugazes, vividos de modo espontâneo, quase automático, que compõem os “ritornelos subjetivos” (Guattari, 2006) responsáveis pela organização do universo simbólico do casal e sua tradução social; delimitando os marcos identitários de cada um dos parceiros e definindo a validade dos códigos sociais e as possibilidades de sua ressignificação. No presente artigo, optamos focar a questão culinária por sua disposição material em fornecer “metáforas concretas” da comunicação intercultural.

## O terreno do intercultural

O sistema culinário / comensal, por exemplo, representa, em todas as culturas do mundo, um tópico espaciotemporal de ordenamento do real e das relações sociais, interpessoais e intersubjetivas. Espaço e tempo ritualísticos por excelência, a culinária, o cultivo de seus ingredientes, sua preparação e consumo constituem uma verdadeira “metáfora concreta” da visão de mundo de cada povo, e das trocas humanas que conformam o social e delimitam o território existencial de seus “*socius*”.

A culinária, suas formas e variações carregam a identidade, a sensibilidade, as tradições e a herança cultural dos grupos sociais, nacionais, étnicos e/ou religiosos; funcionando enquanto suporte e veículo de interações simbólicas significantes que reforçam e consolidam as diferenças, não no sentido de negá-las ou eliminá-las, mas sim no intuito de ressignificar sua gramática, apropriar-se de sua essência e traduzir



seus mapas semióticos. “O sistema alimentar”, lembra Montanari (2008), “se organiza como um código linguístico portador de valores acessórios” (p. 158).

Assim, se a alimentação expressa e evidencia as estruturas identitárias do sujeito e seu grupo e revela ou adscrive o lugar da alteridade e da diferença, quando se trata mais especificamente do sujeito migrante ou estrangeiro, essa manifestação fundadora do longo processo de hominização da espécie se torna em si e per si um microcosmo simbólico-material perfeito para a definição do lugar desse sujeito estranho no seio da sociedade de acolhimento e uma forma enunciativa universalmente inteligível para a negociação das modalidades de sua inserção.

Não é por acaso que, em nossos trabalhos investigativos sobre as migrações transnacionais, fica evidente a recorrência desse tópico tanto nas conversas informais e nos debates acadêmicos como enquanto reflexo espontâneo para o sujeito migrante se apresentar ao mundo e afirmar a sua identidade cultural e étnica. De fato, a constatação empírica que se impõe ao observador é o uso da culinária e suas variações como recurso estratégico primário para a sobrevivência econômica do migrante e uma plataforma social e sociável para o estabelecimento de um diálogo intercultural inclusivo e envolvente.

No caso específico dos casais de origens diferentes, o sistema culinário / comensal vem reforçar a abordagem intercultural proposta por Schutz (2010) que defende a ideia de o padrão cultural servir de guia para decodificar o sentido dos atos e fatos que ocorrem na sociedade de acolhimento. Segundo Schutz, o estrangeiro, na visão do grupo de acolhimento, “é um homem sem história” (2010, p. 122), mas a sua cultura de origem continua determinando, em grande parte, suas ações visão de mundo.



Aplicando essa equação ao papel da culinária na orientação da relação existencial entre o estrangeiro, seu par ou a sociedade de destino, diríamos que é através de toda a educação alimentar recebida na cultura de origem e a sua memória afetiva que o migrante poderá “decodificar” o sentido e valor social dos sabores e tessituras que serão por ele descobertos. Inversamente, o mesmo estrangeiro vai se usar de seu conhecimento e experiência culinária passada para introduzir o “outro” (o local ou par) em seu próprio universo simbólico e afetivo, materializado nos sabores e tessituras de sua infância. A fórmula é de tal eficácia que, em muitos casos, o primeiro reflexo do migrante sem qualificação ou que ainda espera o reconhecimento de suas qualificações profissionais é de vender a sua comida de origem; uma maneira de, ao mesmo tempo, se apresentar para a sociedade de acolhimento e “seduzir” seus membros.

Lívia, a bósnia casada com brasileiro, afirma que não teve dificuldade para aprender a apreciar a os sabores brasileiros:

Eu aprendi a comer arroz e feijão. E adoro, aparentemente, não tenho nenhum problema. Eu adoro a comida brasileira. A variedade de salada, mas também demorou tempo para mim. Eu me acostumei. E começar a preparar aquela comida, porque tudo que eu levo como minha herança é outra coisa, outro bicho (LÍVIA, março de 2019).

Eu acredito que sim. Eu não acredito, mas eu vejo assim, se você tivesse me perguntado essa pergunta antes eu falaria que não existe. Essas diferenças podem ser só mais ou menos visíveis ou impactadas para aquele relacionamento. **Só o que existe, a partir de comida, que me acostumei a comer. Agora estou falando de comida, uma coisa bem básica, entendeu?** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Atitude que talvez reflita o desejo, vontade e disposição da migrante em se adaptar ao universo simbólico do marido e se integrar no seu mundo e sociedade. Ou, ainda, uma estratégia psicossocial e psicocultural para ela se apropriar desse universo que a atrai e dominar seus códigos. Nas duas possibilidades, há de perceber que a culinária pode constituir um terreno sólido para a construção de novos habitats



subjetivos e territórios existenciais propícios ao diálogo intercultural e aceitação da diferença.

Elisa, a estadunidense casada com brasileiro, segue o mesmo raciocínio: "Existem as diferenças culturais que podem ser mais ou menos impactadas. Tudo que levo como herança é outro. Eu aprendi a comer a comida brasileira e adoro" (ELISA, março de 2019). Reconhece a sua alteridade e busca, na culinária, uma porta para adentrar a cultura brasileira; talvez até um substituto ou complemento ao contato humano e o carinho que as pessoas procuram nas interações sociais e nas trocas afetivas. Ao ser perguntada se tinha menos amigos aqui que na sua terra de origem, Elisa confirma, mas logo acrescenta:

Sim, é a única coisa. Mas acho que a qualidade de vida, como a comida é fresca. A comida é tão boa. Adoro sair para jantar. É muito gourmet. Eles têm muitos restaurantes veganos. Então, meu marido, ele não é vegano, definitivamente não é vegano. E ele gosta de cozinhar comida vegana. Ele gosta de ir a restaurantes veganos. E, nos Estados Unidos, dependendo da cidade, pode ser difícil, assim como no Brasil. Então, vivemos em uma boa cidade, com muitas opções *vegas*. **Então, me sinto feliz com meu estômago. Meu estômago está feliz. Temos um bom lar.** Temos uma boa vida aqui (ELISA, março de 2019, grifo nosso).

As palavras (e sentimentos) de Elisa só confirmam o que já foi consagrado pela psicologia e antropologia da alimentação; associando a comida ao bem-estar, ao calor humano e, principalmente, ao lar. Como expressar melhor a conexão simbólica existente entre gosto, paladar, cultura local, memória afetiva e a construção de um novo lar no exílio? A culinária, parece, de fato, um dos principais recursos simbólicos/semióticos dos quais dispõe o estrangeiro em sua empreitada de descoberta de um novo mundo e sua apropriação prazerosa. Do mesmo modo que a aceitação do outro, do par estrangeiro pelo parceiro local, passa também pela capacidade ou competência desse último em entender e dominar a gramática dos gostos e sabores do primeiro.



Assim, Juliana, a brasileira casada com senegalês, conta que seu marido a iniciou à culinária senegalesa – que ela e seus filhos (de outro casamento) gostam, sem exotismo e até a acham parecida com algumas variantes da culinária brasileira.

**Eu amo a comida dele, eu acho bom, o tempero é diferente, só acho que é igual, é a mão dele mesmo**, porque não tem segredo, é alho. Não tem nada diferente, cebola e caldo Knorr. Mas a comida dele fica diferente. Então, não sei se é a mão. Os meus filhos comem a comida dele e, é muito assim, arroz com carne, legumes, peixe (...) tem uma comida que ele faz como se fosse aquele baião de dois (JULIANA, março de 2019, grifo nosso).

Em troca, ela cozinha os pratos brasileiros favoritos do marido – adaptados à sua prática religiosa:

Às vezes o que faço para agradar ele é estrogonofe de carne e frango. Daí, às vezes eu faço uma coisa que ele ama, para ele lasanha, mas aí eu tiro o presunto da lasanha. Então porque aqui não tem isso, aqui não entra mais. Por exemplo, o meu filho: como somos nós que cozinhamos, eu não compro carne de porco, mas entra o presunto, quando faço misto-quente. Quando faço lasanha, eu faço uma para ele e outra com queijo e presunto para o resto (JULIANA, março de 2019).

Eu, a única coisa que evito mesmo foi carne de porco, mas eu amo e como. Entendeu? Se eu for almoçar em um restaurante eu como, mas eu evito comprar aqui para casa; a única coisa que mudou (...). Na religião dele é proibido porque eles falam que **faz mal para a saúde**. Tudo que faz mal, como a carne de porco, é proibido (JULIANA, março de 2019).

Temos, aqui, um case completo para entender as modalidades de estabelecimento de uma convivência intercultural que, ao mesmo tempo, reúne e delimita, junta e organiza; desembocando em práticas híbridas, ressignificadas e, principalmente, carregadas de afeto e simbolismo. Ainda mais quando se considera o fator religioso e as estratégias discursivas usadas para justificar os tabus alimentares do par estrangeiro. Assim, se para Juliana o porco “faz mal para a saúde”, para Maria,



“misturar carne com leite não é digestivo” – do mesmo modo que ela justifica a circuncisão por seu suposto valor higiênico.

Depois de morar em Israel, durante 12 anos, Maria e o marido acabaram mantendo a dieta médio-oriental: “A gente trouxe muita coisa de lá. Por exemplo, a gente continuou saudável igual lá. A gente continua falando inglês com os meninos. **A gente continua mais ou menos do mesmo jeito, assim, de ser, sabe? A gente não mudou, assim, porque está aqui**”. E acrescenta: “Essa coisa de misturar carne com leite não é digestiva para nenhum organismo” (MARIA, dezembro de 2018, grifo nosso).

Já Lívia, a bósnia de credo islâmico, não fez nenhuma alusão à prática religiosa ou algum tipo de proibição ou tabu alimentar; ela apenas abraçou a culinária do marido, brasileiro, por completo, sem negociação ou necessidade de resignificação. Pelo contrário, se sente na obrigação de dissipar as generalizações ou amálgamas em torno de uma das religiões atualmente mais midiaticizadas do mundo:

Olha, eu sou muçulmana, entendeu? Agora esse é o choque. Todo mundo acha que vai ser uma pessoa coberta e tudo. Aqui sim. Não é sobre mim, mas quando você fala que é muçulmana, **as pessoas acham que vai ser coberta, que vai ser *ninja* (risos)**. Com tudo, com aquela roupa, mas como esse tipo de religião nunca era parte da minha terra, porque o Islã na Europa é diferente do Islã na Arábia Saudita, na África (...). Mas eles perguntaram. Daí ele falou assim: **“Olha, gente, ela é muçulmana igual vocês são católicos”** (LÍVIA, março de 2019, grifo nosso).

Vale, evidentemente, indagar se a sua “neutralidade” ritualística é uma atitude “autêntica” ou uma estratégia discursiva para se prevenir contra certo olhar islamofóbico cada vez mais banalizado? Pouco importa, na medida em que o “fato social” nunca deixa de constituir um “ato enunciativo” que expressa uma determinada visão de mundo e a adesão a determinados sistemas de pensamento – naturalmente carregados de ideologia e projetos sociopolíticos.



O Intercultural é de ordem filosófica, ideológica e política, e também implica na tomada de posições políticas e a defesa de projetos sociais. É a crença em valores específicos e causas especiais. Todavia, a condição *sine qua non* para a efetivação de qualquer processo de comunicação intercultural é “a negação da negação” e a instituição da “negociação” enquanto norte e princípio de base para as interações sociais entre indivíduos e grupos de origens culturais, étnicas e/ou religiosas diferentes; assim como a relativização de toda visão de mundo e a rejeição de qualquer ordem universalizante ou totalizante.

São esses mecanismos psicossociológicos que nos empenhamos em apreender e desvelar através da “escuta e interpretação sensíveis” aqui adotadas enquanto instrumento metodológico e a sua interpretação, como uma proposta lúcida que não pretende trazer todas as respostas possíveis ou demonstrar algum sentido “verdadeiro” ou oculto no discurso e práticas interculturais das cinco mulheres entrevistadas. Trata-se de uma tentativa de reflexão organizada em torno do Intercultural e a partir dos princípios metodológicos da Comunicação Intercultural. Ou seja, um exercício intelectual que pode ser modulado e apurado à medida que se assimilam e se adaptam aos fatos, contextos e personagens, que poderiam ser circunstanciais e potencialmente paradigmáticos.

## Considerações finais

“Esse estrangeiro, dentro de nós, escapa nas situações mais familiares e emerge quando está diante de situações geradoras de estresse, como no caso da migração ou ao se atravessar fronteiras culturais onde quer que se esteja” (DANTAS, 2017, p. 87). Uma das principais *claves* responsáveis pela articulação de nosso estar-no-mundo e nossas modalidades de produção de subjetividade, poderia significar que



a estrangeiridade – pode tomar as mais variadas formas existenciais e embaralhar as fronteiras entre ipseidade e alteridade.

Sempre seremos o estrangeiro do outro ou de alguém e, por isso mesmo, seu reflexo oposto, seu horizonte desconhecido e o que o desconhecido potencialmente representa, do mesmo modo que a alteridade, em todas as suas formas e expressões, é necessária para a delimitação de nossa própria identidade e a identificação de nossos limites e nossas limitações. Dialética original que postula complementaridade, continuidade e circularidade, solapando as fantasias identitárias essencialistas, e reforçando o papel dos agenciamentos psicossociológicos nos processos de produção de subjetividade.

Assim, o diálogo com o outro e a capacidade de compreensão da condição de alteridade acaba oferecendo um atalho existencial para a nossa autocompreensão, nosso auto-reconhecimento e, em soma, nossa autoaceitação. Se “eu é um outro”, é o outro que fornece ao pronome vazio (eu, tu, ele) seu sentido subjetivo e operacionalidade social. Mas, e quando esse outro, esse estandarte da alteridade e encarnação da diferença é, ao mesmo tempo, nossa “doce metade”, “alma gêmea” ou “alter-ego” (literalmente um “outro eu”)?

Casar com alguém de outra origem e outra cultura equivale a tornar o distante próximo e trazer o mundo para si – em vez de ir para o mundo. O casamento intercultural propicia um forte deslocamento simbólico do sujeito implicado nesse tipo de relação e uma maneira de amenizar a monotonia de nosso cotidiano (FALICOV, 1995a); de modo provavelmente comparável às viagens por terras desconhecidas, o domínio de várias línguas ou o conhecimento das artes e literaturas do mundo.



As relações afetivas de natureza intercultural certamente ajudam a perceber o quanto o próximo é distante e entender que a única distância realmente insuperável não é aquela que nos separa / junta ao outro, mas aquela que pode nos levar até o âmago de nosso ser. Dinâmica que se atualiza na concretude da metáfora alimentar; permitindo apreender com clareza o processo de construção da comunidade amorosa composta por sócios de origens diferentes.

“Meu gosto” e “teu gosto” não se diluem um no outro. “Nosso gosto comum” não aniquila nossos gostos individuais, mas potencializa sua evolução e amplia seu campo de significância; de tal modo que “nosso” universo gustativo será composto por conjuntos, subconjuntos e, ainda, áreas de interseção que propiciam a eclosão de espaços híbridos, não apenas por acumulação, mas sim pela fusão radical que dá nascimento a um novo universo gustativo propriamente novo, original e inédito.

Revertendo nossa metáfora concreta, há de se perguntar se a conformação desse novo universo gustativo não seria, a algum nível da subjetividade conjugal, um fator material e sensível (e não apenas inteligível) para a efetivação da Interculturalidade do casal; lhe outorgando forma, volume, cor, tessitura, gosto, cheiro e, principalmente, a memória afetiva imprescindível para a sua perenidade? Elisa, de novo, para finalizar: “Então, me sinto feliz com meu estômago. Meu estômago está feliz. Temos um bom lar. Temos uma boa vida aqui” (ELISA, março de 2019).

## Referências

APPADURAI, A. **Modernity at large**: cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University Minnesota Press, 1996.

BILGE, S. **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. Paris: Diogène, 22, pp. 70-88, 2009.



DANTAS, S. D. Para uma compreensão intercultural da realidade. In: DANTAS, S. D. Duarte (Org.). **Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. p. 189-206.

\_\_\_\_\_. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./ago./set., 2017.

ELHAJJI, M. Le culte à la culture: évolution, révolution et régression. In: DERVIN, F. (Ed.) **Le concept de culture: comprendre et maîtriser ses détournements et manipulations**. Paris: L'Harmattan, 2013. p. 19-46.

\_\_\_\_\_. Communication interculturelle: de l'équation originelle à ses dédoublements techno-médiatiques. IN: Costa-Fernandez, E.; Scopsi, C; Ferrandi, R. (Eds.). **Technologies de l'Information et de la Communication (TIC), migrations et interculturalité**. Paris: L'Harmattan, 2021. p. 15-21.

FALICOV, Célia Jaes. Cross-cultural marriages. IN: Reprinted from **Clinical handbook of couple's therapy**. Org. S. Jacobson e A. S. Gutman (Eds.). New York: Guildford Publications, 1995 a.

\_\_\_\_\_. Migracion, pérdida ambigua y rituales. **Perspectivas Sistémicas**, v. 13, n. 69, 2001, pp 3-7.

\_\_\_\_\_. Training to Think Culturally: A Multidimensional Comparative Framework. **Family Process**, 34, Issue 4, p. 373-388, dezembro 1995 b.

GASPAR, S. Patterns of bi-national couples across five EU countries. **Sociologia: Problemas e Práticas**, Openedition Journals, p. 71-89, 2012.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Humanas Didático, 1989. ok

GONÇALVES, C. Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Psicossociologia em Comunidades e Ecologia Social (EICOS). Orientação: ELHAJJI, M. Rio de Janeiro, 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUATTARI, F. **Casomose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.



# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

LIND, Wolfgang Rüdiger. **Casais biculturais e monoculturais**: diferenças e recursos. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, 2008. p. 455.

LEUNG, K.; ANG, S.; TAN, M. L. Intercultural competence. **The Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, v. 1, n. 1, p. 489-519, 2014.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SCHÜTZ, A. O estrangeiro. Um ensaio em Psicologia Social. **Revista Espaço Acadêmico** n. 113. Outubro de 2010.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: Notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.